

## AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS PARA A CRIAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO SINAL EM LIBRAS DO ESTADO DO ACRE

THE CULTURAL AND HISTORICAL INFLUENCES ON THE CREATION AND USE OF THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) SIGN FOR THE STATE OF ACRE

Luciana Araújo dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Acre

Jorge Fernandes da Silva<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este artigo analisa as influências culturais e históricas para a criação e utilização do sinal em Libras do estado do Acre. A partir da pesquisa bibliográfica e documental foi possível discutir e analisar as consequências da mudança do sinal do Acre na Língua Brasileira de Sinais. Nesse contexto objetivamos: compreender a relevância do tradicional sinal utilizado para identificar o estado do Acre em Libras, no contexto da língua enquanto característica de um povo; além de analisar como se deu a implementação do novo sinal e a descaracterização da terminologia do tradicional sinal do estado do Acre com base nos princípios históricos. O referencial teórico no campo da cultura foi orientado pelas propostas de (Hall, 2016), (Messina, 2016), (Pizarro, 2012), (Freire, 2002). A estruturação científica na área da Libras foi sustentada por (Gesser, 2009), (Quadros, 2017; 2019) e (Quadros e Karnopp, 2004). O artigo discute a formação histórica, cultural e identitária do sinal em Libras do estado do Acre, problematizando a recente proposta de mudança, à luz de narrativas históricas, culturais e linguísticas, abordando literaturas que discutem cultura, representação, discurso, poder, preconceito linguístico e língua de herança, articulando tais conceitos ao uso e à criação do sinal do estado do Acre em Libras. Os resultados indicam que é necessário repensar as novas mudanças tendo em vista que envolve não apenas a identidade do povo surdo acreano, mas também a desconsideração com os povos indígenas e toda estruturação identitária convencionalizada nos materiais oficiais institucionais, tanto em âmbito escolar, quanto governamental nacional.

**Palavras chaves:** Libras; Cultura; Identidade.

**Abstract:** This article analyzes the cultural and historical influences on the creation and use of the Brazilian Sign Language (Libras) sign for the state of Acre. Through bibliographic and documentary research, it was possible to discuss and analyze the consequences of changing the sign for Acre in Brazilian Sign Language. In this context,

<sup>1</sup> Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. luciana.araujo@sou.ufac.br

<sup>2</sup> Professor doutor vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. jorge.silva@ufac.br

we aimed to: understand the relevance of the traditional sign used to identify the state of Acre in Libras, considering language as a characteristic of a people; and to analyze how the implementation of the new sign occurred and the decharacterization of the terminology of the traditional sign for the state of Acre, based on historical principles. The theoretical framework in the field of culture was guided by the proposals of (Hall, 2016), (Messina, 2016), (Pizarro, 2012), and (Freire, 2002). Scientific structuring in the area of Libras was supported by (Gesser, 2009), (Quadros, 2017; 2019), and (Quadros and Karnopp, 2004). The article discusses the historical, cultural, and identity formation of the Libras sign for the state of Acre, problematizing the recent proposal for change in light of historical, cultural, and linguistic narratives. It addresses literature that discusses culture, representation, discourse, power, linguistic prejudice, and heritage language, articulating such concepts with the use and creation of the sign for the state of Acre in Libras. The results indicate that it is necessary to reconsider the new changes, given that they involve not only the identity of the Deaf people of Acre but also the disregard for Indigenous peoples and the entire identity structure established in official institutional materials, both at the school and national governmental levels.

**Keywords:** Libras; Culture; Identity.

**Submetido em 22 de janeiro de 2026.**

**Aprovado em 22 de abril de 2026.**

## **Introdução**

A identidade e cultura de um povo determina suas várias características sociais que estão diretamente interligadas. Dentre elas a língua é uma das principais. Vivenciando um contexto bilíngue é possível acessá-la tanto em palavras quanto em sinais, além de perceber o quão ambos são importantes para o desenvolvimento histórico da região e de quem habita nela. Nesse contexto, abordar a formação e a importância do sinal do estado do Acre nos leva a refletir sobre seu uso e principalmente sobre a utilização de um novo sinal convencionado.

Nesta pesquisa partimos do pressuposto que a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS é a língua da comunidade surda presente e ativa dentro do país (Brasil) se fazendo presente em todos os campos de atuação de ensino, e necessita de arcabouços teóricos e metodológicos que venham a fomentar cada vez mais o uso e as diferentes nuances que envolvem sua utilização cotidiana.

A partir deste pressuposto, aborda-se as seguintes literaturas: Cultura e Representação (Hall, 2016) apresentando o sentido pela linguagem e a influência cultural nesse processo, o uso do discurso e as relações de poder. A discussão sobre o significado de Atraso foi entabulada por (Messina, 2016) utilizando a relação do desconhecido como

atrasado ou mesmo tentando tornar-se visível através das mudanças multiculturais. Em um debate sobre Amazônia voz do rio (Pizarro, 2012) em sua literatura apresenta um grande atravessamento sobre as questões de domínio e cinco ideias equivocadas sobre os “índios”. Foram adicionados os conceitos de (Freire, 2002) nos quais os focos dessa literatura será o preconceito linguístico, comunicação e a exclusão.

Para além destes utilizamos autores com relevância no campo da LIBRAS. No livro: Libras que língua é essa? (Gesser, 2009) desafia e desmistifica diversos mitos relacionados à língua, às pessoas surdas e à surdez. Na obra Língua de Herança (Quadros, 2017) analisa a importância da língua no âmbito social especialmente em comunidades locais nas quais seu uso é restrito, porém abrangente. A mesma autora apresenta outras contribuições no livro: Linguística para o Ensino Superior Livro 5 (Quadros, 2019) no qual estuda a diferenciação dos sinais nacionais em relação aos locais. Em outra pesquisa sobre Língua Brasileira de Sinais estudos linguísticos (Quadros e Karnopp, 2004) possibilita conhecer as estruturas de formação do sinal e a importância que cada um tem para uma localidade e um grupo de pessoas específicas.

Para além das obras acima elencadas foram utilizados documentos que contribuem para desvelar as influências culturais e históricas para a criação e utilização do sinal em Libras do estado do Acre como o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos dos autores (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2015). De grande relevância foi consultar o material impresso pela Universidade Federal do Acre – UFAC para o curso Avançado de LIBRAS (2018), além de uma Apostila publicada pela Secretaria de Estado de Educação do Acre (SEE, 2017) entre outros documentos que serão foram utilizados para fundamentar a presente pesquisa.

A essência de escrever um artigo que vincula o Acre a LIBRAS é algo inédito principalmente por ser um Estado brasileiro ainda muito novo (criado em 15 de junho de 1962) frequentemente associado à presença de indígenas, ribeirinhos e povos da floresta. Frente a essa realidade muitas pessoas questionam se o Acre existe? Destarte a essa condição de invisibilidade e desconhecimento nacional associar o estado do Acre a LIBRAS demonstra a existência de pessoas e comunidades surdas que vivenciam e experienciam situações cotidianas relacionadas aos costumes e cultura local. Esse grupo de pessoas compõe a sociedade acreana e como tal, tem o direito de construir mecanismos de significações que deem sentido à forma como identificam em LIBRAS o estado do Acre.

No contexto atual (2026) podemos analisar o uso da cultura, representação, linguagem, discurso, poder, sujeito, relações de poder, uso da imagem como domínio, estereótipos, preconceitos entre a língua, identidade, diferenças e interculturalidade, estes pontos possibilitam levantar a seguinte questão a ser considerada no transcorrer da presente pesquisa: como se deram os desdobramentos no surgimento das influências culturais e históricas para a criação e utilização do sinal em libras do estado do Acre? Nesse contexto os objetivos foram a) buscar compreender a língua enquanto característica de um povo; b) analisar como se deu a descaracterização da terminologia do sinal do estado do Acre com base nos princípios históricos.

### **1. A Língua característica de um povo**

Todos os povos que compõem o conjunto da humanidade têm sua maneira de comunicação entre um ou mais grupos de pessoas. A necessidade de se comunicar, compartilhar vivências e experiências e transformar a paisagem e o espaço à nossa volta é o que nos faz produtores diretos de características que nos diferem dos demais seres vivos existentes no planeta.

A língua também é um objeto de distinção entre os grupos falantes. Com o processo de colonização houve a hierarquização das línguas pois a imposição de legislações obrigou o uso e o ensino da língua do colonizador em detrimento de todas as outras consideradas inferiores. Ao analisar esse processo de dominação no Brasil, Freire (2002) afirma que:

As línguas indígenas, por exemplo, foram consideradas pelo colonizador, equivocadamente, como línguas “inferiores”, “pobres”, “atrasadas”. Ora, os lingüistas sustentam que qualquer língua é capaz de expressar qualquer idéia, pensamento, sentimento e que, portanto, não existe uma língua melhor que a outra, nem língua inferior ou mais pobre que outra. As pessoas, no entanto, confundem muitas vezes as línguas com os seus falantes. O que existe são falantes que, na estrutura social, ocupam posições privilegiadas em relação aos falantes de outras línguas, dando a falsa impressão de que suas línguas são superiores, quando do ponto de vista estritamente lingüístico, não existe língua rica e língua pobre. Os proprietários de terra falam uma língua, os sem-terra falam outra. Aí, os primeiros determinam que sua língua é superior à dos segundos, o que não se sustenta cientificamente (Freire, 2002, p. 6-7).

Freire destaca argumentos fundamentais no que se refere a língua e seu lugar de uso, assim como as línguas indígenas sofrem essa desigualdade e principalmente em relação aos lugares de fala, com a Língua de Sinais não é muito diferente, visto que tudo que vai de encontro com o que é considerado “normal” é colocado como inferior, atrasado

e pobre como destaca o autor. Essa ação de poder por conta da língua traz uma invisibilização de grupos que têm suas línguas de herança suprimidas.

Ao analisar essa questão, Quadros (2017) lança luz sobre o significado de língua de herança:

Língua de herança são as línguas que, em um contexto sociocultural, são dominantes diferentes da usada na comunidade em geral. A palavra “herança” remete á ideia de tradição herdada, assim como a ideia de patrimônio, que remete á relação familiar. As línguas que as pessoas adquirem em casa com seus pais, diferente da língua usada de forma massiva no país, configuram línguas de herança. Assim, língua de herança está diretamente relacionada linguística e culturalmente aos usos de uma língua por pessoas de um grupo social específico dentro de um grupo maior (Quadros, 2017, p.7).

O fato da língua não ser a mesma utilizada pela maioria da população, torna-a uma língua secundária, ou em algumas vezes é reconhecida somente como língua de um grupo específico que não tem abrangência para seu aprendizado ou até mesmo ser excluída do uso, pois é notório que com o passar dos anos muitas das línguas utilizadas por diversos povos originários foram perdidas, por diversos fatores, mas um deles, no Brasil, é o ato da supremacia do português e da sociedade majoritária em se impor ao não uso ou aceitação das línguas de herança de cada povo autóctone.

Os surdos por 100 anos vivenciaram um processo de exclusão e tentativa de abolir a língua de sinais e sua utilização, pois acreditavam que por não falarem os surdos eram seres que não pensavam e que o uso das Línguas de Sinais era um “atraso linguístico”. Visto que nessa época (primeiro quartel do século XX) a surdez era descrita como doença que necessitava de uma cura e não como uma condição da pessoa, por isso o surdo para estar inserido na sociedade deveria oralizar e comunicar-se por meio da língua falada pela maioria da população (Strobel, 2009).

Diante de uma sociedade excludente do que é considerado diferente ou mesmo distorcido do “normal” a intitulação do uso do termo “Atraso” é muito presente, visto que o uso de uma língua que não é ensinada no âmbito escolar, só estará atrasando quem busca aprender ou conhecê-la pois em uma análise social a própria comunidade ouvinte e falante do português usa do discurso que não há necessidade de aprender línguas indígenas ou língua de sinais se não são cobradas em processos seletivos ou em grades curriculares de ensino. Essa assertiva demonstra que “a lentidão epistêmica é primariamente resistência criativa a intervenções predatórias e desestabilizadoras operadas sob a desculpa imperialista da necessidade de rapidez e progresso” (Messina, 2016, p.105).

A língua neste caso torna-se motivo de aprisionamento social, visto que a não aceitação e propagação, reduz seu uso a um pequeno grupo de falantes, com isso muitas especificidades que estão compostas nestes conjuntos são perdidas ou até mesmo descredibilizadas por não está imersa no contexto geral, Hall (2016) descreve que além da língua outros elementos sociais também estão entrelaçados ao uso da língua.

[...] Membros da mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante. Eles devem compartilhar, em um sentido mais geral, os mesmos “códigos culturais”. [...] Desse modo semelhante, a fim de *comunicar* esses significados para outras pessoas, em qualquer troca significativa, os participantes também devem ser capazes de utilizar códigos linguísticos – eles devem, em um sentido muito amplo, “falar a mesma língua”. Isso não quer dizer que eles precisem literalmente falar alemão, francês ou chinês. Tampouco significa que eles consigam compreender perfeitamente o que qualquer falante da mesma língua está dizendo. Nossos interlocutores precisam falar o suficiente da mesma língua para serem capazes de traduzir o que “o outro” fala em algo que “eu” possa entender e vice-versa (Hall, 2016, p.23).

Com base na reflexão que Hall nos apresenta, cada grupo tem e desenvolve seus códigos culturais e linguísticos, construindo assim uma comunicação própria com características e significados de cunho essencial para aquele povo em seu uso diário. Frente a essa constatação diversos grupos compartilham a mesma língua e neste caso torna-se uma língua de herança como a Libras, que nada mais é do que uma língua desenvolvida pelo povo surdo<sup>1</sup> para que conseguissem obter desenvolver uma comunicação em suas comunidades. entre eles mesmos.

Hall também destaca um ponto de grande importância quando analisado no campo da Libras ao salientar que a compreensão não é total no uso da língua e que pelo fato de ser “falante” de uma língua é preciso saber falar todas as línguas existentes. Porém no Brasil a representatividade da língua portuguesa se torna um processo maçante e obrigatório para os surdos, visto que a legislação obriga os surdos utilizarem o português escrito como forma de comunicação como descreve a Lei 10.436/2002.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

---

<sup>1</sup> O povo surdo é grupo de sujeitos surdos que têm costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão (Strobel, 2009, p.6).

[...]Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (Brasil, 2002, p.1).

Frente à prescrição da lei, a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como forma de comunicação dos surdos, entretanto, a própria legislação demonstra a supremacia da comunicação em português língua essa estabelecida como oficial do país, e desprezando tantas outras formas de comunicação o documento acima deixa evidente que “a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. (Brasil, 2002, p.1).

Para além dessa depreciação com as línguas originais do Brasil, ainda um incentivo para que os brasileiros aprendam línguas estrangeiras como forma de acréscimo ao conhecimento linguístico que atende às demandas do sistema capitalista de mercado. Enquanto as línguas dos povos originários e de pessoas surdas são desvalorizadas, as estrangeiras disputam clientes para seu aprendizado como mostra a charge a seguir:

**Figura 1.** Charge do preconceito linguístico



Fonte: (Peregrino, 2013)

Ao analisar a imagem é visível um preconceito linguístico destacado na charge de Ricardo Ferraz criada em 1987 há aproximadamente 39 anos atrás, ele apresenta tanto o

enfoque do termo “mudinho”, que agrega uma marcação pejorativa para a pessoa que sinaliza, visto que, o surdo não é necessariamente mudo, e destaca a característica linguística que mostra diversos cursos de línguas estrangeiras, mas que o brasileiro não se volta a aprender a comunicação daquele ao qual nasceu e reside em seu país.

O cartunista destaca a diferença linguística para trazer uma relação de estranhamento que se expressam por ter a presença de outra língua, e principalmente em uma modalidade que não é a oral, e sim visual - espacial, diferente, de todas as demais línguas que aparecem na imagem, a saber: alemão, árabe, inglês, japonês, russo, além da língua disseminada por todo o país o próprio português, utilizada como instrumento de comunicação entre os dois não-surdos.

Esta imagem nos leva a questionar por que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não aparece como curso ofertado ao nível das línguas estrangeiras? Dentre tantas respostas o que mais vemos como justificativas é que aprender Libras não traz benefícios para as construções curriculares, não e como o inglês língua utilizada de forma mundial, ou porque um dos falantes da língua portuguesa sugere deixar o surdo sozinho: “vamos sair de fininho!”? O não conhecimento da Libras e de seus usuários levam a criação de um preconceito que pode conduzir à discriminação. Na verdade, ele é derivado da condição surda, da dificuldade de comunicar-se com o cidadão surdo, da Libras ser uma língua com estrutura gramatical, e não um mero jogo de mímica, ou até mesmo considerar o surdo como um ser sem língua (Peregrino, 2013).

Outro destaque se refere a língua e as questões de representatividade. a língua distingue um povo além de ser um instrumento de representação de sua cultura, sociedade e dos seus conhecimentos empíricos, é através dela que são passadas todas as tradições transversalmente as gerações, “Resumidamente, representação diz respeito à produção de sentido na linguagem” (Hall, 2016, p.32).

O princípio histórico não trouxe ao povo surdo nenhuma representatividade diante da sociedade, pois os registros mostram que desde o início já existia a presença da pessoa surda. No entanto, este grupo de forma desprezada em relação aos demais. Estes sujeitos eram vistos como não-humanos frente a falta de expressão linguística na forma articulatória oral. A agregação do pensamento estava vinculada a voz, fala e produção de som. Além disso, eram considerados como pessoas desprovidas de inteligência, sem o direito a educação conforme informa Strobel (2009). As truculências sofridas pela

comunidade surda iniciavam desde o abandono, exclusão social até mesmo a morte em diversas partes do mundo como relata o professor francês Berthier (1984).

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar (Berthier, 1984, p.165).

O autor evidencia o quanto pessoas surdas sofreram até serem reconhecidas como seres humanos de direito à vida. Mesmo após esse período inicial de dizimação, até o século XIX e XX as pessoas surdas eram obrigadas a oralizarem na tentativa de aprender a ler e escrever na língua portuguesa. O marco esperado para as grandes mudanças foi o congresso de Milão em 1880 e outras iniciativas após este evento que resultaria, entretanto, foi um grande retrocesso em que o uso da língua de sinais foi proibido.

Por outro lado, no Brasil em 1857, D. Pedro II fundou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atualmente 2026 conhecido como INES), no Rio de Janeiro, com a ajuda do professor francês Ernest Huet. Este foi o marco inicial da educação formal de surdos no país. Um impulso foi dado nos direitos das pessoas surdas quando um linguista americano conhecido como William Stokoe, provou cientificamente que a língua de sinais não era “mímica”, mas sim uma língua completa, com gramática e sintaxe próprias. Todas essas manifestações de avanços e retrocessos resultaram nos atuais direitos das pessoas surdas no Brasil. (Strobel, 2009).

Todo processo de estruturação linguístico passa por diversos marcos até se consolidar e muito foi passado de geração a geração, com isso a língua passa a determinar parâmetros para estruturação da língua sinalizada e assim estabelecer sinais, e não mímicas como confundido até hoje, pois a comunicação é feita com as mãos, “[...] entendamos que o canal comunicativo diferente que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais” (Gesser, 2009, p. 21-22).

Durante esse período e os avanços das pesquisas a língua de sinais estruturou-se, obtendo gramática própria através dos estudos a longo prazo de Willian Stokoe que iniciou os estudos da língua de sinais com a contribuição de três dos parâmetros da língua de sinais, entretanto se analisarmos nos últimos 40 anos não era comum ver sinalizantes nos ambientes sociais em geral. Porém, com as contribuições dos linguistas Robbin

Battison, Edward S. Klima e Ursulla Bellugi no aprofundamento dos estudos mesmo apresentando um quarto parâmetro, com isso na atualidade os estudos de Quadros (2019) mostram toda uma estrutura para que seja feita a composição de um sinal, pois para que haja um sinal é necessário a utilização de três parâmetros essenciais, como descreve a supracitada autora no quadro abaixo:

Quadro 1: Parâmetros para a estruturação de um sinal:

Parâmetros	Conceito	Descrição
Configuração de Mão - CM	Tem por base um sistema ao da Língua América de Sinais – ASL, é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal.	Pelas pesquisas linguísticas, foi comprovado que na LIBRAS existem 46 configurações das mãos, sendo que o alfabeto manual utiliza apenas 26 destas para representar as letras.
Movimento - M	É o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal.	Movimento de trajetória (retilíneo, sinuoso, angular); Movimento circulares (circular, semicircular, helicoidal); Movimento internos dos sinais (dos dedos, das mãos);
Locação – L	Também designado por ponto de articulação. Trata-se da área no corpo em que o sinal é articulado. Na Libras e também em outras línguas de sinais conhecidas, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro de um raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados.	As locações dividem-se em quatro regiões principais: Face: cabeça, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olhos; Pescoço Tronco Braços Antebraço Mãos Espaço neutro.

Fonte: Adaptado de Quadros (2019).

Os parâmetros se constituem em mais uma das formas de estruturar gramaticalmente a língua para o seu uso em sociedade, porém diante de tudo que já foi exposto a LIBRAS é uma língua suprimida e muitas vezes silenciada, bem com sua cultura e identidade do povo surdo, que necessita sempre de suporte para sua comunicação, visto que a maioria da população é usuária da Língua Portuguesa e não tem interesse em conhecer ou aprender a Libras.

Diante desta pouca procura em aprender a língua, na próxima subseção analisa o uso do “SignWriting”, ou seja, a escrita de sinais, a forma grafada e estrutural, destacando o uso do sinal de ACRE e suas mudanças, trazendo a analogia feita pela escrita e a

sinalização à qual levou a comunidade surda a formular um novo sinal para o estado com essa simbologia de um “herói” acreano.

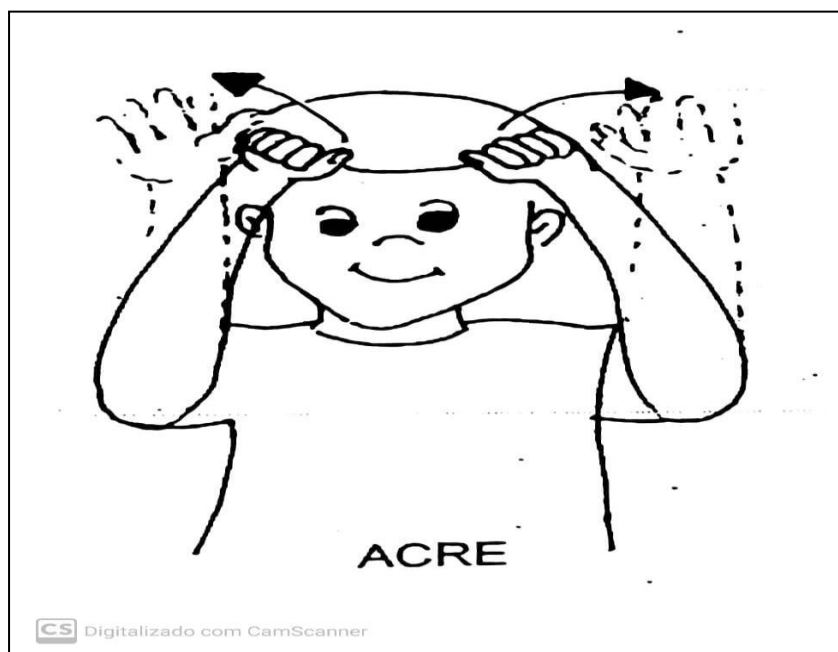
## **2. A importância do sinal do Acre em Libras com base nos princípios históricos**

Antes de 2023 o sinal em Libras para identificar o estado do Acre era utilizado para representar a forte presença indígena na região, com o usuário sinalizante da língua de sinais realizando um movimento com ambas as mãos para cima e para baixo na frente do tronco, fazendo alusão ao uso do cocar enquanto ornamento tradicional utilizado pelos povos tradicionais como simbologia de sua cultura.

Entretanto, com as discussões e debates na comunidade surda, sobre este sinal ter sido criado por uma pessoa surda não acreana, um pequeno grupo passou a sugerir a necessidade do uso de um novo sinal sem relação direta com as populações indígenas. Frente a essas mudanças surge a seguinte indagação: Qual seria o novo sinal e por quais motivos aconteceu a mudança do sinal do estado Acre feito pelos surdos nos últimos vinte e quatro meses?

O sinal que está sendo colocado em desuso, está dentro da comunidade surda registrado desde 2003, ou seja, a mais de duas décadas, seus registros estão nas apostilas dos cursos ofertados pelo Centro de Apoio ao Surdo - CAS, na Universidade Federal do Acre e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC. Na figura 2 apresentamos o sinal de Acre utilizado em âmbito nacional até a nova proposta de mudança.

**Figura 2.** Sinal de Acre com a base referencial aos índios.



Fonte: Adaptado da apostila do CAS (2003).

Com base na apostila do Centro de Apoio ao Surdo no Acre CAS/Acre, este sinal é utilizado aproximadamente a duas décadas e faz referência ao estado do Acre. Esta imagem foi reproduzida de um dos materiais construídos pelo próprio CAS. Nas propagandas de níveis nacionais sempre quando é citado o estado o sinal padrão de utilização é este, na Tv Senado também usa o mesmo sinal.

Nesta pequena análise é possível constatar que este sinal representa o estado do Acre nacionalmente e para quem assiste os pronunciamentos do governo federal também acompanha internacionalmente o uso deste sinal. Oficialmente o sinal do estado do Acre encontra-se registrado na obra de Capovilla, Raphael e Mauricio (2015), no qual conceitua o termo Acre em seu Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue - Deit da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas:

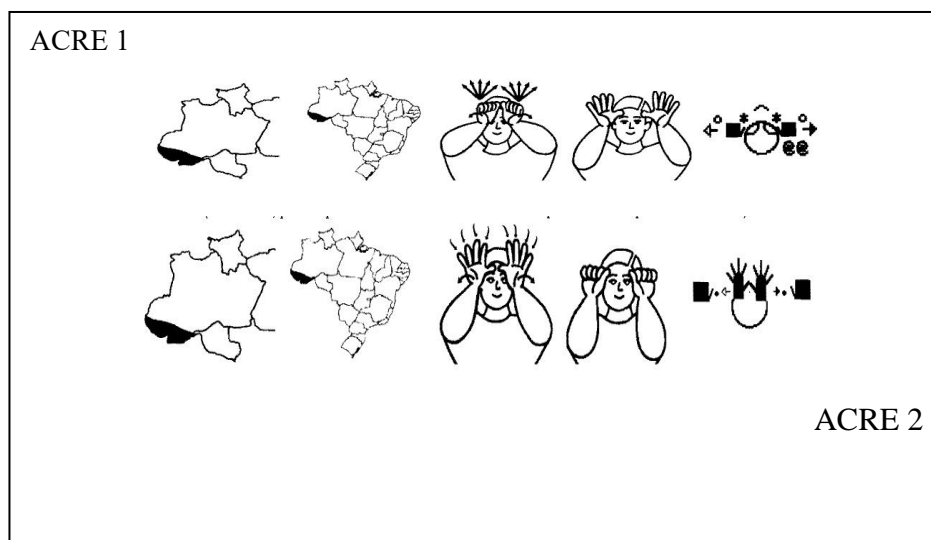
Acre (1) (sinal usado em: SP, CE, SC) (inglês: Acre state): Estado brasileiro situado no sudoeste da região Norte e tem como limites os estados do Amazonas a norte, Rondônia a leste, a Bolívia a sudeste e o Peru ao sul e oeste. Ocupa uma área de 152.581,4 km<sup>2</sup>, sendo pouco menor que a Tunísia. Sua população estimada em 2006 é de 686.652 habitantes. Sua capital é a cidade de Rio Branco. Até o início do século XX o Acre pertencia à Bolívia. Porém, desde o princípio do século XIX, grande parte de sua população era de brasileiros que exploravam seringais e que, na prática, acabaram criando um território independente. Em 1899, os bolivianos tentaram assegurar o controle da área, mas os brasileiros se revoltaram e houve confrontos fronteiriços, gerando o episódio que ficou conhecido como a Questão do Acre. Em 17 de novembro de 1903, com a assinatura do Tratado de Petrópolis, o Brasil recebeu a posse definitiva da região. O Acre foi então integrado ao Brasil como território, dividido em três departamentos. O território passou para o domínio brasileiro em troca

do pagamento de dois milhões de libras esterlinas, de terras de Mato Grosso e do acordo de construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Tendo sido unificado em 1920, em 15 de junho de 1962 foi elevado à categoria de estado, sendo o primeiro a ser governado por uma brasileira, a professora Iolanda Fleming. O modelo de desenvolvimento econômico baseia-se, primordialmente, no extrativismo, com destaque para extração de madeira por meio de manejo florestal, o que, teoricamente, garante o uso econômico sustentável da floresta. Do seringueiro surgiu a figura do seringueiro, que colaborou em momentos importantes da história brasileira para o desenvolvimento do país, trabalhando duro na extração do látex na floresta amazônica. Da floresta também surgiu um homem chamado Chico Mendes, que hoje é considerado referência internacional na luta em defesa da Amazônia. Ex.: Em Rio Branco encontra-se uma comunidade religiosa chamada Alto Santo (Centro de Iluminação Cristã Universal) que pratica o Ritual do Santo Daime, típico do Acre, de origem indígena, que usa o Daime, um chá natural feito com folhas e cipó, usado pelos índios como forma de aproximação a Deus. Todos tomam o chá, inclusive as crianças e os idosos. Os integrantes usam fardas de marinheiro e cantam o hinário, intercalando com Ave-Marias e Pai-Nossos. (Mãos em A, palmas para frente tocando a testa. Movê-las para os lados opostos abrindo-as.)

Acre (2) (sinal usado em: DF, RJ, BA) (inglês: Acre state): Idem Acre (I). Ex.: O Estado da Acre é a berço de grandes personalidades como Chica Mendes, Marechal Rio Branco e Galvez. (Mãos verticais abertas, palmas para frente, polegares tocando o centro da testa. Mover as mãos para as laterais da testa, fechando-as em A.) (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2015, p. 278).

Dentro deste contexto as figuras utilizadas pelo Deit - Libras para o sinal de Acre acompanhado com a escrita de sinais, ou seja, a grafia do sinal, tanto o sinal de Acre 1 quanto o sinal de Acre 2 apresentam diferenças na sua sinalização quanto na grafia, conforme indicado na figura 3.

**Figura 3.** Sinal de Acre segundo o Deit – Libras.



Fonte: (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2015, p. 278).

Diante do que foi apresentado estes são os sinais que foram utilizados para o estado do Acre, todavia, conforme já registrado, em um período de dois anos atrás (2023)

um grupo de surdos decidiu reivindicar a mudança do sinal, com o argumento de que quem deu este sinal para o Acre seria um surdo de outro estado, neste ponto de vista já observamos um uso de domínio sobre a língua por parte de um pequeno grupo e a não aceitação e da propagação dela como fora constituída, por outros surdos.

Para além deste argumento há um outro que pode ser considerado ofensivo e discriminatório, pois alguns surdos fazem menção que este sinal não representa o povo acreano, visto que se observarmos na figura 3, o sinal faz agregação a um cocar indígena, com a fusão da letra A, no primeiro sinal (ACRE 1) inicia com a letra A na testa e abre as mão para lateral, e no segundo (ACRE 2) mãos abertas na testa e finaliza em A, a letra A esta referida ao nome A-C-R-E<sup>2</sup> e as mãos ao cocar.

Visto que as argumentações apresentadas em torno da mudança do sinal, descaracteriza a história e a cultura do povo indígena acreano, há que se considerar que de fato este é um estado originalmente indígena, porém, constituído de uma ocupação não indígena composta de um povo completamente miscigenado, um povo que lutou para ser brasileiro que juntamente com os indígenas, ribeirinhos e seringueiros.

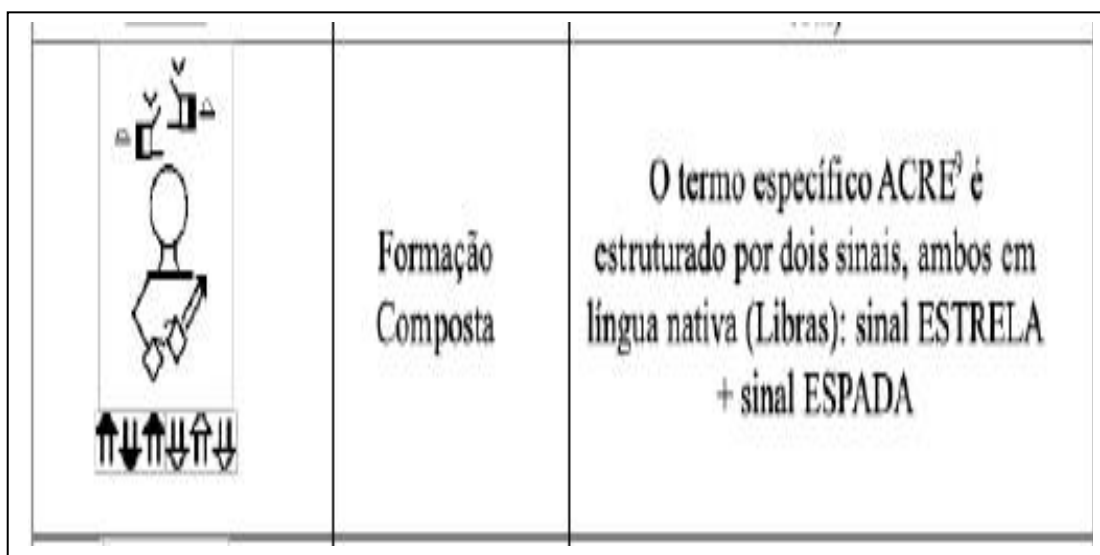
Albuquerque (2016) esclarece:

“conhecimentos” ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a “Amazônia”, produzindo-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo: uma “Amazônia” ou a “Amazônia”, grafada pela escrita de distintos viajantes desde o advento da “modernidade” [...] inventando e catalogando seus povos, rios, fauna e flora, fabricando identidades e fronteiras “amazônicas” e “não amazônicas”, fabricando e introjetando narrativas de diferentes sujeitos (pessoas físicas e jurídicas) que partem da ideia ou da palavra/conceito Amazônia como um todo homogêneo, referência de lugar, identidade, vivência ou existência de incontáveis seres humanos e não humanos, naturais e não naturais. (Albuquerque, 2016, p. 77).

O autor pontua de forma assertiva o que é demonstrado pelos surdos que estão atuando na mudança do sinal, eles se baseiam nestas narrativas inventadas, que geralmente aparecem nos livros ou nas histórias repassadas a partir das distintas histórias de viajantes com informações de catalogações que foram escritas conforme a necessidade do momento. Diante dessas informações, apresento a *SignWriting* do novo sinal de Acre, na figura 3.

---

<sup>2</sup> A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen (Felipe, 2007, p.25).

**Figura 4.** Sinal de Acre com base em Sousa (2023).

Fonte: (Sousa, 2023, p.34).

A partir da imagem e análise da descrição da composição do sinal, e notório que este novo sinal está agregado a uma simbologia de um “herói” acreano ou seja, o líder vencedor da guerra entre o Acre e a Bolívia - Plácido de Castro, conhecido por expor sua espada em diversas literaturas e até minissérie exibida em rede nacional na qual conta a história de atos heroicos e da conquista do Acre por essa pessoa, visto o uso da sinalização da espada e a adição de uma estrela que representam a conquista de mais um território para ampliar a nação brasileira.

A utilização deste sinal vem gerando diversos questionamentos dentro da comunidade surda, visto que sua referência é feita de um campo da história que já vem sendo desmistificado a algum tempo, porém os surdos julgam a língua como absolutamente deles e que esta correção é necessária fazer nas interpretações realizadas que apresenta o nome A-C-R-E, dentro desse contexto a uma grande divisão de opiniões sobre o uso é o desuso do sinal.

A descaracterização de uma conquista pronta e acabada impressiona quem vem de uma educação completamente difundida dentro dos ambientes escolares, dentre essas paredes não há dimensão do quão grande foi o processo de revolução para a “conquista” do Acre, e principalmente o que não é exposto aos estudantes é a grandiosa miscigenação que aconteceu e acontece até hoje nestas terras que também são denominadas Amazônia, Pizarro (2012) enfatiza:

A Amazônia, além do mais, revela formas de miscigenação cultural que não têm comparação no continente, assim como uma infinita diversidade de formas de vida humana e relações com a natureza, que nos permite imaginar polos de referência na visualização de um mundo no qual se possa recolocar o homem numa relação de equilíbrio com ela, no centro da ação humana (Pizarro, 2012, p.20)

A autora neste pequeno fragmento de sua obra, traz evidências que revelam um povo miscigenado, ou seja, não o “puro” ou o “único”, todos aqui estão formados de pequenos componentes que estão contidos uns dentro dos outros. Porém as construções dos discursos em torno das terras amazônicas não destacam esses múltiplos, essa mestiçagem que aconteceu durante todo o processo de colonização, e o que ela realmente nos trouxe. E utilizando uma construção discursiva imaginária em torno do processo para que ele se torne grandioso com exaltação de pessoas que são de fora desta região, com o intuito de descrever apenas uma forma parcial da história, sendo essa a do dominador, visto que quando chegaram as terras da Amazônia ela já era habitada por indígenas que já tinham suas vivências e suas construções históricas que nos foram negadas através desse discurso de poder e dominância. (Pizarro, 2012).

O resultado disso foi a elaboração de textos com elementos em comum, cujas relações representam as formas dos imaginários da sociedade europeia em determinadas condições de existência. Este discurso constituiu um *corpus*, que surgiu a partir da interação do novo ocupante – espanhol, português, holandês, inglês, francês – como o meio. Não era um discurso inocente, procedia de um ponto de vista, de uma história e suas necessidades. Carregado, pois, de fantasia. Esse efeito sobre o meio foi, entretanto, determinante para o que viria a ser o futuro deste espaço geográfico e suas sociedades (Pizarro, 2012, p. 33-34).

Analisando o trecho da autora a história do povo acreano que tanto é reproduzida em livros e manuscritos, não foi escrita por seu próprio povo, e sim por representantes de outras localidades ou até mesmo nacionalidade, criando assim uma “realidade” que atendia suas necessidades para aquele momento, e como relata a autora na descrição não vemos a somativa de indígenas, seringueiros, extrativistas, ribeirinhos entre outros que se fizeram presentes nesta construção histórica, o discurso reprimido dos nativos só se fez ouvir no século XX e nas pesquisas dos dias atuais 2026.

Com a história dos surdos não foi muito diferente, as ações do dominador ou seja os falantes da língua portuguesa, definiram por longos anos o destino dos surdos, principalmente no uso do discurso de poder e as relações de hegemonia de uma língua a outra, mas a história da região amazônica, as formas imaginárias e carregadas de fantasia, também fez sua parte dentro das criações feitas pelos surdos, para este, o exemplo mais apropriado de ser usado é o sinal do estado do Acre, que tinha sua composição descritiva

de uma forma e no momento atual (2026) os surdos acreanos fundamentaram um novo sinal que foi articulado e aprovado entre um grupo específicos de surdos, visto que, a comunidade surda<sup>3</sup> não somente no contexto de relevância do estado do Acre, mas em uma ampla abrangência do país não utiliza este novo sinal, a mudança de um sinal de um estado é algo que interfere com toda uma estrutura da e na interpretação, pois o sinal de Acre é a identidade de seu povo.

### **Considerações Finais**

As reflexões apresentadas neste artigo permitem compreender que a língua, para além de um instrumento de comunicação, constitui-se como elemento central na construção da identidade, da cultura e da memória de um povo. No caso da Língua Brasileira de Sinais, sua história é marcada por processos de exclusão, silenciamento e resistência, atravessados por relações de poder que, historicamente, buscaram impor uma língua dominante em detrimento das línguas de herança, traçando um paralelo de análise entre os símbolos representativos dos povos indígenas utilizados pela comunidade surda para identificação do estado do Acre.

A análise do sinal do estado do Acre em Libras evidenciou que sua constituição não ocorre de forma neutra, mas está diretamente vinculada às narrativas históricas e culturais que se escolhe legitimar. O sinal tradicional, ou seja, o que está em uso a mais de duas décadas que faz referência aos povos originários por meio da simbologia do cocar, representa uma forma de reconhecimento e valorização daqueles que historicamente habitaram e construíram este território. A proposta de mudança do sinal, fundamentada em narrativas heroicas e coloniais, revela a reprodução de imaginários eurocêntricos que desconsideram a complexidade cultural e histórica da Amazônia acreana.

Dessa forma, defender a permanência do sinal tradicional do Acre em Libras significa resistir ao apagamento simbólico dos povos originários e reafirmar a Libras como uma língua viva, carregada de sentidos, memórias e pertencimentos. Reconhecer o valor histórico, cultural e identitário desse sinal é também reconhecer que a língua é um

---

<sup>3</sup> Comunidade Surda: entendemos que a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. (...) Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (Strobel, 2009, p.29).

espaço de luta, de representação e de afirmação de sujeitos e histórias que, por muito tempo, foram silenciadas.

## Referências

ALBUQUERQUE, G. R. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. *Uwa'kürü dicionário analítico*. Rio Branco: Editora Nepan, p. 74-97. 2016.

BERTHIER, F. Os surdos-mudos antes e desde o abade de L'Epée. Tradução de: Franklin Philip. In: LANE, H. *A experiência surda: clássicos em língua e educação*. Tradução de Guilherme Silveira da Braga. Curitiba: Editora da UFPR, 2013. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 20 ago. 2023.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira (Libras)*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FELIPE, T. *LIBRAS em contexto: curso básico: livro do estudante*. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

FREIRE, J. R. B. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. 2002. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco\\_ideias\\_equivocadas\\_jose\\_ribamar.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ribamar.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MESSINA, M. Atraso. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; PACHECO, Ana Suelly. *Uwa'kürü dicionário analítico*. Rio Branco: Editora Nepan, p. 96-106, 2016.

PELEGRINO, G. Por um olhar arendtiano ao preconceito contra surdos. In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 8., 2013, Londrina. ABPEE, p. 2027-2037, 2013.

PIZARRO, A. *Amazônia: as vozes do rio – imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.

QUADROS, R. M. *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. *Libras*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 224 p. 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E ESPORTES DO ACRE (SEE). *Libras em Contexto: Curso Intermediário*. Rio Branco: SEE, 2017. Apostila adaptada da obra: FELIPE, Tanya. *LIBRAS em contexto: curso básico*. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

STROBEL, K. *História da Educação de Surdos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Apostila da Licenciatura em Letras - LIBRAS na modalidade a distância. Florianópolis: UFSC, 49 p. 2009.

SOUSA, A. M. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Toponímia urbana no Brasil: estudos*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 16-53, 2023. E-book. Disponível em: [https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5662/1/Topon%  
\\_Brasil\\_Estudos\\_V3.pdf](https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5662/1/Topon%c3%admia_urbana_no_Brasil_Estudos_V3.pdf). Acesso em: 20 ago. 2023.